



# AMOR OU VIOLÊNCIA? HISTÓRIA, FATORES E CONSEQUÊNCIAS DE RELACIONAMENTOS VIOLENTOS NA ADOLESCÊNCIA

*Bianca Pavanelli Gusmão<sup>1</sup>, Catherine Menegaldi Silva<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar- UniCesumar. biancap.gusmao@gmail.com.

<sup>2</sup>Orientadora, Psicóloga, Mestre e Doutora em Promoção da Saúde (UniCesumar). Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações, Universidade Cesumar- UniCesumar. catherine.silva@docentes.unicesumar.edu.br.

## RESUMO

Estudos indicam que a violência no namoro pode causar sérios problemas de saúde física e mental das vítimas, na qual, sua origem está fortemente relacionada ao contexto social e cultural que cada indivíduo pertence. Por isso, essa pesquisa teve como objetivo examinar os padrões que caracterizam a violência no contexto dos relacionamentos amorosos entre adolescentes, investigando seus motivos subjacentes e as ramificações que essa forma de violência tem sobre a saúde mental dos jovens. Por meio de uma revisão sistemática de literatura, baseando-se no método PRISMA, realizou-se o levantamento dos estudos que foram publicados entre 2019 a 2024 nas bases de dados eletrônicas: Periódicos Capes, Scielo, PubMed, APA PsycInfo e Lilacs. A busca eletrônica identificou 26 artigos que foram classificados em fatores de risco, proteção e consequências. Os fatores de risco incluem saúde mental adversa, identidade de gênero e orientação sexual, violência no contexto familiar, estressores ambientais, entre outros. Os fatores de proteção mostraram resultados como suporte familiar, conexão com adultos na escola, educação sexual e acesso a serviços médicos. Já as consequências apresentaram riscos significativos para a saúde mental. Conclui-se que mais pesquisas devem ser realizadas na área visando a identificação de intervenções eficazes que conectem prevenção e promoção da saúde no ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência; Namoro; Violência no namoro.

## 1 INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser definida segundo os autores Papalia e Feldman (2013), como um período de transição entre a infância e a vida adulta, envolvendo mudanças físicas, sociais, cognitivas e emocionais. Essas mudanças variam de acordo com a cultura e contexto social na qual estão inseridos, podendo assim ser referida não como adolescência de modo singular, mas como adolescências no plural, pois são construídas em relação às culturas pertencentes. (Moraes *et al.*, 2020, p. 281). Em relação às mudanças físicas, destaca-se principalmente o desenvolvimento da puberdade, que inicia-se aproximadamente aos 8 anos, com o amadurecimento dos órgãos genitais, tendo assim o início da sexualidade. (Papalia; Feldman, 2013, p.386- 392).

A partir disso, é durante esse período de experimentações que as relações afetivas tornam-se mais profundas. Essas relações nem sempre são consideradas saudáveis, dado que muitas vezes são idealizadas por um amor irreal, contribuindo para a negligência de violências. Na contemporaneidade, percebe-se o atravessamento desses relacionamentos principalmente pela tecnologia, em destaque as redes sociais, que podem tanto impactar de forma positiva contribuindo na concepção e conservação da relação. Como também, podem contribuir para aumento de comportamentos violentos não perceptíveis (Ferriani *et al.*, 2019).

Tendo em vista a vulnerabilidade presente nessas relações, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) define a violência no namoro (VN) como uma forma de violência desses relacionamentos que ocorrem entre 11 e 17 anos. Além disso, essas violências podem ocorrer de diversas maneiras, dentre elas: física, psicológica, digital, sexual, perseguição (também denominado stalking) e financeira. Destacando-se ainda que pode



ocorrer de forma virtual, assim como em relacionamentos íntimos eventuais ou estabelecidos (Ferriani *et al.*, 2019).

Em busca de uma compreensão mais ampla, diversos estudos buscaram identificar fatores de risco e proteção da violência. Assim, destaca-se o modelo sócio-ecológico, que compreende esse fenômeno, relacionado aos fatores culturais, sociais, familiares e individuais. Desta forma, tem-se então como fatores de risco, uso de substâncias tóxicas, questões de saúde mental, experiência de violência familiar, exposição a violência, bullying e até mesmo envolvimento com parceiros mais velhos, entre outros aspectos. Por outro lado, em relação aos fatores de proteção estão envolvidos uma rede de apoio, amigos e familiares que constituam relacionamentos positivos (Claussen *et al.*, 2022).

Sendo, portanto, este um problema de saúde pública, haja visto que essas relações podem se perpetuar por toda a vida, causando problemas significativos na saúde mental desses adolescentes, este estudo teve como objetivo analisar as produções científicas sobre violência no namoro durante a adolescência por meio de uma revisão sistemática de literatura, investigando os padrões, causas e impactos da violência no namoro na adolescência.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão sistemática de literatura, de acordo com o método PRISMA, na qual os artigos foram escolhidos para revisão, por título, posteriormente por seu resumo e por último a leitura completa do texto. (Galvão *et al.*, 2015, p. 335-338). A partir disso, o estudo foi conduzido nas seguintes bases de dados eletrônicas: Periódicos Capes, Scielo, PubMed, APA PsycInfo e Lilacs, com o intuito de revisar as publicações realizadas nos últimos 5 anos, período de 2019 a 2024. Dessa forma, foram utilizados os seguintes descritores “adolescentes”, “violência no namoro”, “saúde mental” e “internet”, bem como suas versões em inglês em que também foi empregue AND entre as palavras.

Como critérios de inclusão dos artigos para seleção foram formulados os seguintes requisitos: 1) artigos publicados nos últimos cinco anos; 2) amostra de adolescentes nos estudos correspondiam com idades entre 10 a 19 anos; e 3) os resultados dos artigos selecionados deveriam responder a pergunta principal da pesquisa “Quais os impactos da violência no namoro na adolescência?”. Já em contrapartida, como critérios de exclusão foram classificados em: 1) artigos com temas incompatíveis aos objetivos da pesquisa; 2) idade dos adolescentes da amostra menores que 10 anos ou maiores de 19 anos; 3) Artigos de revisão de literatura, tese de doutorado e pós-doutorado. As buscas eletrônicas resultaram em 186 artigos encontrados nas bases de dados Periódico Capes (n=76); Scielo (n=2); PubMed (n=82); APA PsycInfo (n=13) e Lilacs (n=13). Assim, desses artigos apenas 26 foram incluídos na amostra devido a se enquadrarem nos critérios do estudo.

Em primeiro lugar, realizou-se a exclusão dos artigos duplicados (n= 17) em seguida realizou-se a classificação dos artigos, os que atenderam os critérios de elegibilidade foram incluídos, resultando em 26 artigos. Essas pesquisas foram classificadas para análise dos resultados por meio de uma tabela elaborada em uma planilha do Excel (versão 2025), sendo extraídos os seguintes dados: título; autores; ano de publicação; base de dados; localização do estudo (País); objetivos; participantes; tamanho da amostra; coleta dos dados; principais resultados; fatores e conclusão. Em sequência, foi elaborada outra planilha apenas para exposição dos dados principais, na qual foram extraídos: autor/ano; país do estudo; número de participantes e medidas encontradas. Dessa forma, os autores realizaram a análise crítica dos dados, interpretação e verificação de semelhanças entre os resultados para realizar o processo de escrita do estudo. Por fim, ressalta-se que foi



utilizado como método de análise a tematização dos resultados, sendo divididos em fatores de risco e proteção e consequências da violência no namoro na adolescência.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para analisar a literatura, foram incluídos ao todo 26 artigos, na qual atenderam os critérios de elegibilidade, com isso esses artigos são apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1:** Informações dos artigos selecionados sobre violência no namoro na adolescência.

Autor/ Ano	País	N	Medidas encontradas
Fix <i>et al.</i> (2022)	EUA	88.219	Fatores de Risco e Consequências
Oyarzpun <i>et al.</i> (2021)	ES	1.484	Fatores de Risco
Lu <i>et al.</i> (2019)	EUA	864	Fatores de Risco
Brar <i>et al.</i> (2023)	EUA	31.459	Fatores de Proteção e Consequências
Heidi <i>et al.</i> (2022)	DO	232	Fatores de Risco
Psychogiou <i>et al.</i> (2023)	CA	974	Fatores de Risco
Anacona <i>et al.</i> (2021)	CO	811	Fatores de Risco
Kiekens <i>et al.</i> (2022)	EUA	12.534	Fatores de Risco
Sabina <i>et al.</i> (2022)	EUA	95	Fatores de Proteção e Risco
Martin-Storey <i>et al.</i> (2021)	EUA	87.532	Fatores de Risco
Garthe <i>et al.</i> (2021)	EUA	4.464	Fatores de Risco
Anacona <i>et al.</i> (2021)	CO	757	Consequências
Saini <i>et al.</i> (2024)	EUA	4.301	Consequências
Ackard <i>et al.</i> (2024)	EUA	71.635	Fatores de Risco e Consequências
Collibee <i>et al.</i> (2024)	EUA	109	Fatores de Proteção
Datta <i>et al.</i> (2022)	EUA	30.251	Fatores de Risco e Consequências
Smith <i>et al.</i> (2022)	CA	4.923	Fatores de Risco
Baiden <i>et al.</i> (2021)	EUA	9.693	Consequências
Robinson <i>et al.</i> (2024)	EUA	1.087	Fatores de Proteção
Hoskins <i>et al.</i> (2024)	EUA	192	Fatores de Risco
Laforte <i>et al.</i> (2023)	CA	252	Fatores de Risco
Cava <i>et al.</i> (2020)	ES	492	Fatores de Risco
Reed <i>et al.</i> (2021)	EUA	703	Fatores de Risco
Rivas <i>et al.</i> (2023)	EUA	2.301	Fatores de Risco e Proteção
Vanwoerden <i>et al.</i> (2019)	EUA	818	Fatores de Risco e Proteção
Faus <i>et al.</i> (2020)	BR	550	Consequências

**Fonte:** Dados da pesquisa

Os artigos selecionados foram publicados entre os anos de 2019- 2024, com amostras de diferentes países como: Estados Unidos (EUA), Espanha (ES), República Dominicana (DO), Canadá (CA), Colômbia (CO) e Brasil (BR). A violência no namoro na adolescência foi abordada nas seguintes temáticas: identidade de gênero, raça/etnia e orientação sexual (Fix *et al.*, 2022; Oyarzpun *et al.*, 2021; Kiekens *et al.*, 2022; Martin-Storey *et al.*, 2021; Garthe *et al.*, 2021; Anacona *et al.*, 2021; Rivas *et al.*, 2023; Datta *et al.*, 2022), saúde mental adversa e sintomas internalizantes (Lu *et al.*, 2019; Brar *et al.*, 2023; Heidi *et al.*, 2022; Psychogiou *et al.*, 2023; Saini *et al.*, 2024; Smith *et al.*, 2022; Vanwoerden *et al.*, 2019), maus tratos na infância e violência do parceiro íntimo em casa (Hoskins *et al.*, 2024; Ackard *et al.*, 2024), ciberviolência (Laforte *et al.*, 2023; Cava *et al.*, 2020; Reed *et al.*, 2021),



vitimização (Anacona *et al.*, 2021; Faus *et al.*, 2020) e ideação, plano e tentativa de suicídio (Baiden *et al.*, 2021). Além disso, 3 artigos pontuaram sobre fatores de proteção a partir da análise de recursos relacionais, coletivos, programas e múltiplas formas de vitimização (Sabina *et al.*, 2022; Collibee *et al.*, 2024; Robinson *et al.*, 2024).

Este estudo deu visibilidade à falta de pesquisas com amostras brasileiras encontradas na temática de violência no namoro nos últimos 5 anos, em que dentre os 26 artigos selecionados, apenas 1 foi realizado com uma população brasileira (Faus *et al.*, 2020). Por outro lado, em países como os Estados Unidos, foram encontrados 17 estudos, que demarcam uma grande variedade de pesquisas científicas voltadas para compreender a problemática e impactos dos relacionamentos violentos na adolescência (vide Tabela 1). A partir disso, entende-se que no Brasil, levando em consideração as políticas públicas estabelecidas e a falta de pesquisas científicas voltadas à compreensão da violência presente nos relacionamentos adolescentes, dificultam que intervenções mais assertivas sejam realizadas. Portanto, essa área necessita ser mais investigada e estudada a fim de que possam contribuir significativamente com a ciência e bem estar social.

Os artigos foram divididos em duas categorias principais para a discussão dos resultados a fim de facilitar a compreensão: consequências da exposição à violência no namoro; fatores de risco e proteção. A primeira categoria engloba 9 estudos que centralizam sua investigação na compreensão das consequências que a exposição a violência no namoro pode causar nesses adolescentes. A segunda categoria compõe-se de 19 estudos que obtiveram como resultados fatores que apresentaram risco para os adolescentes, na qual podem vir a vivenciar a violência no namoro e 6 pesquisas que voltaram às condições que podem colaborar de forma protetiva aos relacionamentos. Ressalta-se que, alguns estudos apresentaram mais de uma categoria, os quais foram combinados como fatores de risco e proteção (Rivas *et al.*, 2023; Vanwoerden *et al.*, 2019; Sabina *et al.*, 2022); fatores de risco e consequências (Fix *et al.*, 2022; Ackard *et al.*, 2024; Datta *et al.*, 2022); fatores de proteção e consequências (Brar *et al.*, 2023).

### 3.1 CONSEQUÊNCIAS DA EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO

A vivência da violência no namoro na adolescência (VND) apresenta diversas consequências que podem afetar a qualidade de vida desses sujeitos, especialmente quando considerado que este período da vida é responsável por grande parte do desenvolvimento psicossocial. De acordo com os estudos encontrados a vitimização por VND apresenta um risco para a saúde mental (Faus *et al.*, 2020), em que duas pesquisas realizadas nos Estados Unidos com uma amostra de estudantes, apresentou respectivamente que experimentar violência no namoro física e sexual associou-se à maiores chances de manifestar sintomas externalizantes, como brigas, porte de armas e comportamento sexual de risco. Na qual, a segunda identificou que os sujeitos que sofreram agressão no namoro, demonstraram também maior uso de maconha, álcool, envolvimento em brigas, tentativas de suicídio e ideação suicida (Fix *et al.*, 2022; Datta *et al.*, 2022). Durante a adolescência esses sujeitos já estão mais suscetíveis ao desenvolvimento de comportamentos perigosos, principalmente se pertencerem a alguma amostra de risco. O que se correlaciona ao encontrado na literatura, que por meio de uma revisão sistemática realizada com 249 estudos publicados entre 1994 a 2018, analisou que o comportamento de risco mais frequente foi o uso de substâncias, incluindo álcool e tabaco (45%). Para além disso, também identificou que esses comportamentos podem ser desenvolvidos a partir de duas perspectivas, as estratificações sociais (desigualdade de renda, acadêmica, gênero e etnia) e determinantes proximais, que fazem parte da vida individual (ambiente familiar, relações interpessoais, acesso a subsídios básicos) (Bozzini *et al.*, 2021).



Alguns estudos centralizam suas buscas apenas na compreensão dos efeitos da violência, relacionando-as a maiores probabilidades de apresentar comportamentos suicidas. Assim, uma pesquisa selecionada destaca entre uma amostra de 9.693 adolescentes, cerca de 46% dos que sofreram violência física evidenciaram ideação suicida, 36,5% elaboraram um plano de suicídio e 30,6% tentaram suicídio (Baiden et al., 2021). Dessa forma, associa-se a outro estudo também encontrado que destaca 1 em cada 5 sujeitos que vivenciam violência, seja ela somente verbal, física ou sexual tentaram suicídio (Ackard et al., 2024). Levando isso em consideração, os autores destacam os comportamentos suicidas como uma consequência significativa para os adolescentes. Na literatura existente, encontrou-se que em 2020 o suicídio foi para sujeitos entre 10 a 14 anos a segunda principal causa de morte (Liwei et al., 2024). Esse dado relacionado às consequências que podem ocorrer em relacionamentos violentos conforme os estudos encontrados pontuaram, revelam a importância de programas de prevenção a VND a fim de que paralelamente seja possível diminuir as taxas desde ideações até comportamentos suicidas.

Ainda, os estudos apresentaram uma diferença expressiva nas consequências da vitimização dessa violência de acordo com o gênero: masculino e feminino. Para as mulheres destacou-se maior prevalência de sintomas psicopatológicos, afetando seu biopsicossocial, com maiores riscos de depressão. Enquanto para os homens, as áreas mais afetadas foram a acadêmica, sendo mais propensos a tentativas de suicídio, maior insegurança e maior probabilidade ao uso de substâncias (Anacona et al., 2021; Saini et al., 2024). Além disso, dos estudos selecionados, dois apresentaram efeitos significativos para a saúde mental de indivíduos que foram vítimas de VND, em que os mais presentes foram a ansiedade e depressão (Brar et al., 2023; Ackard et al., 2024). Em uma revisão sistemática e meta-análise da prevalência global de depressão, descobriu-se que cerca de 34% dos adolescentes entre 10 a 19 anos, correm risco de desenvolver depressão, sendo o sexo feminino com maior risco de desenvolvimento (Shorey et al., 2022). Essa descoberta alinha-se ao encontrado que pontuava a diferença de gênero nas consequências, demonstrando que as mulheres estão mais suscetíveis a apresentarem sintomas de saúde mental adversa. Com isso, reforça a importância de uma análise de intervenções que busquem compreender as individualidades de cada grupo, assim conseguindo realizar uma análise mais profunda e promover práticas mais eficientes.

### 3.2 FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO

A violência no namoro na adolescência coloca em risco uma grande parte da população, por isso alguns estudos centralizam suas pesquisas em compreender se há fatores que podem tornar os sujeitos mais vulneráveis e suscetíveis a experienciar relacionamentos violentos. Dentre os 19 estudos que concentraram seus resultados nos fatores de risco, seis deles destacaram como condições adversas ter sintomas internalizantes, ou seja, apresentar uma saúde mental fragilizada. Em uma dessas pesquisas, foi realizado um estudo com 974 participantes no Canadá, na qual obteve como resultado que tanto para homens, quanto para mulheres ter sintomas internalizantes aos 15 anos prevêem vitimização e perpetração de violência no namoro 2 anos depois. Assim, segundo os estudos selecionados, ter sintomas de ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, depressão, obsessões-compulsões e borderline podem contribuir para aumentar o risco de vivenciar e perpetrar violência na adolescência (Oyarzpun, et al., 2021; Lu et al., 2019; Psychogiou et al., 2023; Anacona et al., 2021; Smith et al., 2022; Vanwoerden et al., 2019).

Ainda mais, destacou-se nos estudos que pertencer a diferentes identidades sexuais e de gênero é um fator de risco significativo. Dessa forma, os estudos sinalizam que jovens



transgêneros, bissexuais, cisgênero de minorias sexuais e não binários estão em maior risco de vivenciar relacionamentos violentos (Hoskins *et al.*, 2024; Kiekens *et al.*, 2022; Martin-Storey *et al.*, 2021; Rachel *et al.*, 2021; Fix *et al.*, 2022). Além disso, um estudo encontrou que preconceitos de gênero, como sexismo e xingamentos homofóbicos, aumentaram o risco de vitimização, sendo o bullying um preditor significativo (Rivas *et al.*, 2023). No entanto, entende-se que é necessário que mais pesquisas sejam desenvolvidas nesta área a fim de abarcar todos os tipos de identidades sexuais e de gênero, para que se consiga compreender de forma mais visível os riscos que esta população percorre.

A sociedade é estruturada através de diferentes classes sociais e ambientes, em que cada sujeito é pertencente a um meio próprio, podendo ele ter mais condições e acessos do que outros indivíduos. Baseando-se nisso, alguns estudos apontaram que pertencer a uma amostra de risco foi um preditor significativo para vitimização em relacionamentos adolescentes, em que estressores ambientais, como: violência na comunidade, presenciar crimes, condições de pobreza e menores status socioeconômico podem contribuir para o desenvolvimento de maiores violências em seus relacionamentos (Oyarzoun *et al.*, 2021; Hoskins *et al.* 2024; Datta *et al.*, 2022). Com base na literatura, foi possível encontrar que este fator de risco se assemelha ao pontuado em outros estudos, que também obtiveram como resultado que a violência na comunidade, pobreza e baixo status socioeconômico estão associados à maior presença da violência contra crianças e adolescentes no ambiente escolar (Souza *et al.*, 2024). Assim como, outro estudo realizado no Brasil, ressaltou que fatores de risco como baixo nível socioeconômico, exposição à violência e falta de proteção podem contribuir também para a violência em relacionamentos adolescentes no contexto brasileiro (Borges *et al.*, 2015). Essas descobertas ressaltam a importância de programas de prevenção que visem abranger as populações em maior risco.

O período da infância é uma fase na qual o sujeito está se estruturando enquanto ser. Para Winnicott o cuidado parental apresenta um importante papel no desenvolvimento da criança (Houzel, 2016). Com isso, o ambiente para ele está vinculado ao cuidado psicossocial, destacando o papel que a família apresenta na proteção e desenvolvimento infantil do sujeito (Risk *et al.*, 2023). Levando isso em consideração, um estudo realizado no Brasil a quase 10 anos já buscava compreender as associações entre a auto representação vista pelo adolescente e a associação com violência sofrida por parentes próximos, este estudo detectou que 14,6% dos sujeitos sofreram violência física severa dos tutores; 11,8% testemunharam ou vivenciaram violência sexual familiar e 48,0% relataram sofrer violência psicológica, e a partir disso perceberam que os indivíduos que experienciaram as violências foram reiteradamente vítimas de violência na comunidade e na escola (Assis *et al.*, 2004). Nesse sentido, compreendendo a importância familiar para a constituição do ser, baseando-se na perspectiva de Winnicott e compreendendo a influência que a família representa para o sujeito um dos fatores de risco encontrados foram sujeitos que sofreram por experiências adversas na infância, como maus-tratos infantis e exposição à violência do parceiro íntimo por cuidadores (Heidi *et al.*, 2022; Hoskins *et al.*, 2024; Ackard *et al.*, 2024). Do mesmo modo, um dos estudos selecionados foi realizado com 811 adolescentes na Colômbia identificando que relacionamentos familiares precários e violência no contexto familiar podem ser um fator de risco pois a frequência em que o sujeito sofreu algum tipo de abuso, vinculou-se às vezes em que ele foi punido violentamente e que se sentiu negligenciado (Anacona *et al.*, 2021). Nessa perspectiva, outra pesquisa descobriu que o familismo, o apego central à família, demonstrou ser protetor em relação à vitimização, no entanto colaborou para aumentar a vulnerabilidade em relacionamentos violentos (Sabina *et al.*, 2022). Dessa forma, percebe-se que em muitos casos o ambiente familiar pode ser um fator de risco para o desenvolvimento de violências.

Além disso, na atualidade os relacionamentos em muitos casos passaram a ocorrer de modo virtual, em que são utilizados meios de comunicação online, seja para conhecer



um parceiro, ou para manutenção da relação. No entanto, muitos estudos apontam que essa utilização muitas vezes ocorre de modo excessivo podendo ocasionar diversos malefícios à saúde dos adolescentes. Em um estudo de revisão de literatura, os autores descobriram que ocorreu uma significativa ligação entre uso excessivo de dispositivos digitais e aumento da ansiedade, depressão, dificuldades no sono, podendo vir a afetar o desenvolvimento da atenção e autocontrole (Reis *et al.*, 2024). Outras pesquisas realizadas com 52 participantes no Reino Unido identificaram que as comunicações online, por muitas vezes contribuem para a manutenção e desenvolvimento dos relacionamentos, no entanto, elas também apresentam riscos possibilitando o desenvolvimento de comportamentos não saudáveis como controle, monitoramento e assédio, em que muitos casos podem passar despercebidos (Stonard *et al.*, 2017). Com essa nova estruturação, 3 estudos selecionados buscaram compreender os fatores de risco presentes na ciberviolência, dentre eles encontrou-se como riscos: ansiedade de apego (Laforte *et al.*, 2023); crenças em mitos românticos e experiências de vitimização offline (Cava *et al.*, 2020); crenças estereotipadas de gênero e namoro (Reed *et al.*, 2021).

Por outro lado, há alguns fatores de proteção que podem contribuir para a prevenção da violência no namoro e alguns estudos centralizaram suas análises nesses princípios. Assim, dentre a amostra de pesquisas selecionadas encontrou-se como aspectos protetivos: educação sexual e redução de preconceitos (Rivas *et al.*, 2023); vivência de uma qualidade de relacionamento parental (Vanwoerden *et al.*, 2019); apoio familiar, acesso ao aconselhamento, acesso a serviços médicos e prática de atividades saudáveis, tal qual atividades extracurriculares (Robinson *et al.*, 2024). Como também, a conexão com adultos na escola apresentou ser um papel protetor para alunos que sofrem com essa vulnerabilidade (Brar *et al.*, 2023).

A educação sexual para adolescentes apresenta diversos benefícios na promoção e prevenção da saúde, pois reflete em um ensino que vai desde uso de preservativo, mudanças corporais, puberdade até as explicações que se voltam a compreender os órgãos sexuais e questões relacionadas à privacidade de cada sujeito ao toque, conscientizando sobre a importância de relações sexuais ocorrerem apenas quando consentidas por ambas as partes. Uma pesquisa bibliográfica, descobriu evidências que mostram que a educação sexual colabora na redução de gravidez precoce e infecções sexualmente transmissíveis (IST), maior aceitação das diversidades e prevenção da violência por parceiros e dentro de namoros (Firme *et al.*, 2023). Outro estudo também apoiou esta perspectiva, pontuando que a educação sexual é de extrema importância para promover o conhecimento possibilitando maior prevenção, assim diminuindo ISTs e gravidez não planejada (Ferreira *et al.*, 2024). A partir disso, destaca-se o papel fundamental que os profissionais de saúde apresentam ao possibilitar a educação sexual para os adolescentes, influenciando diretamente na qualidade de vida desses sujeitos (Barbosa *et al.*, 2023).

A conexão com adultos na escola ou familiar apresenta um papel importante na vida dos adolescentes, um estudo realizado no Brasil com 748 estudantes do ensino médio constatou que a participação de adolescentes em grupos formais se relaciona diretamente com esses sujeitos apresentarem propósito de vida, autoestima e satisfação com a vida (Bueno *et al.*, 2010). Outro estudo, realizado em 1999 com 317 estudantes, apresentou que amigos e pais são fontes importantes de apoio na prevenção de comportamentos de risco, como também a boa adaptação escolar pode colaborar como uma medida protetiva aos adolescentes (Zamberlan *et al.*, 1999). Por fim, um dos estudos selecionados também buscou examinar a eficácia do Date SMART, um programa que busca prevenir a violência no namoro e sexual, realizando um experimento com 109 adolescentes nos Estados Unidos, na qual obtiveram como resultado que apenas os grupos de meninas que foram randomizados para a condição Date SMART com sintomas depressivos elevados,



apresentaram reduções significativas na perpetração de violência física. Com isso, demonstra ser um programa qualificado para meninas em alto risco (Collibee *et al.*, 2024).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante os estudos analisados, foi possível atingir os objetivos estabelecidos analisando os fatores de risco, fatores de proteção e consequências para os adolescentes em vivenciar a violência no namoro. Em síntese, os achados demonstram como fatores de risco ter sintomas internalizantes (ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, depressão, entre outros); pertencer a diferentes identidades sexuais e de gênero; bullying; pertencer a uma amostra de risco (menores status socioeconômico e experienciar estressores ambientais); experiências adversas na infância (como maus tratos e exposição à violência do parceiro íntimo por cuidadores); presenciar violência no contexto familiar e em relação a ciberviolência apresentou como causas de risco ansiedade de apego; crenças em mitos românticos e sofrer vitimização offline. A partir disso, compreendeu-se também as consequências de sofrer violência nos relacionamentos destacando-se o risco para a saúde mental, como aumento da ansiedade e depressão, presença de comportamentos suicidas e uma diferença significativa entre gênero, na qual as mulheres associaram-se a maiores sintomas psicopatológicos e os homens foram mais afetados na área acadêmica e uso de substâncias. Ainda, também foi possível encontrar alguns fatores de proteção como educação sexual; redução de preconceitos; vivenciar relacionamentos parentais positivos e suporte familiar; acesso à serviços médicos; prática de atividades saudáveis e conexão com adultos na escola.

Por fim, após essas descobertas compreendeu-se também que as intervenções devem ser realizadas de modo a buscar abranger o maior público possível, atingindo todas as classes sociais e independente de raça, etnia ou religião. Com isso, destaca-se o papel importante que a escola representa ao ser um ambiente que possibilita abarcar diversos adolescentes e promover uma maior conscientização sobre os riscos de sofrer vitimização por violência no namoro. Assim sendo, ressalta-se que mais pesquisas devem ser desenvolvidas com o intuito de promover práticas eficientes de promoção e prevenção dessas violências, dado que os adolescentes estão em grande vulnerabilidade de vitimização.

#### REFERÊNCIAS

ACKARD, D. M.; EISENBERG, M. E. Verbal, physical and sexual dating violence among a population-based sample of teens: Does exposure to intimate partner violence in the home account for the association between dating violence and mental health? **Child abuse & neglect**, v. 147, p. 106581, 2024.

ASSIS, S. G. *et al.* Violência e representação social na adolescência no Brasil. **Revista panamericana de salud publica** [Pan American journal of public health], v. 16, n. 1, 2004.

BAIDEN, P.; MENGO, C.; SMALL, E. History of physical teen dating violence and its association with suicidal behaviors among adolescent high school students: Results from the 2015 Youth Risk Behavior Survey. **Journal of interpersonal violence**, v. 36, n. 17–18, p. NP9526–NP9547, 2021.



BARBOSA, T. M. S. *et al.* A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE FRENTE À EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 07, p. 7928–7939, 2023.

BORGES, L. *et al.* VIOLÊNCIAS NO CENÁRIO BRASILEIRO: FATORES DE RISCO DOS ADOLESCENTES PERANTE UMA REALIDADE CONTEMPORÂNEA. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento Humano**, 2015.

BOZZINI, A. B. *et al.* Factors associated with risk behaviors in adolescence: a systematic review. **Revista brasileira de psiquiatria** (Sao Paulo, Brazil: 1999), v. 43, n. 2, p. 210–221, 2021.

BRAR, P. *et al.* The moderating influence of school adult connectedness on adolescent dating violence and mental health. **The Journal of school health**, v. 93, n. 4, p. 297–304, 2023.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 2024.

BUENO, C. DE O.; STRELHOW, M. R. W.; CÂMARA, S. G. Inserção em grupos formais e qualidade de vida entre adolescentes. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 311–320, 2010.

CAVA, M.-J. *et al.* Relations among romantic myths, offline dating violence victimization and cyber dating violence victimization in adolescents. **International journal of environmental research and public health**, v. 17, n. 5, p. 1551, 2020.

CLAUSSEN, C.; MATEJKO, E.; EXNER-CORTENS, D. Exploring risk and protective factors for adolescent dating violence across the social-ecological model: A systematic scoping review of reviews. **Frontiers in psychiatry**, v. 13, 2022.

COLLIBEE, C. *et al.* Depressive symptoms moderate dating violence prevention outcomes among adolescent girls. **Journal of interpersonal violence**, v. 36, n. 5–6, p. NP3061–NP3079, 2021.

DATTA, P.; CORNELL, D.; KONOLD, T. Association of Teen Dating Aggression with risk behavior and academic adjustment. **Journal of interpersonal violence**, v. 37, n. 7–8, p. NP3930–NP3953, 2022.

DE SOUZA, L. E. M. *et al.* FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR. **Lumen et Virtus**, v. 15, n. 43, p. 8540–8553, 2024.

FAUS, D. *et al.* Sexual dating violence victimization and adolescent psychological distress in Rio de Janeiro, Brazil. **European journal of public health**, v. 30, n. Supplement\_5, 2020.

FERREIRA, G. V. *et al.* Educação sexual e Infecções Sexualmente Transmissíveis em adolescentes: uma revisão integrativa. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 17, n. 10, p. e11446, 2024.

FERRIANI, M. DAS G. C. *et al.* Understanding and contextualizing teen dating violence. **Escola Anna Nery**, v. 23, n. 3, 2019.



FIRME, L. S. *et al.* Revisão de literatura: os benefícios da educação sexual nas escolas. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 6, p. 31877–31883, 2023.

FIX, R. L.; NAVA, N.; RODRIGUEZ, R. Disparities in adolescent dating violence and associated internalizing and externalizing mental health symptoms by gender, race/ethnicity, and sexual orientation. **Journal of interpersonal violence**, v. 37, n. 17–18, p. NP15130–NP15152, 2022.

GARTHE, R. C. *et al.* Dating violence and peer victimization among male, female, transgender, and gender-expansive youth. **Pediatrics**, v. 147, n. 4, p. e2020004317, 2021.

HOSKINS, D. *et al.* Pathways from early childhood maltreatment to adolescent dating violence: The role of traumatic stress and substance use among juvenile justice-involved youth. **Traumatology**, 2023.

HOUZEL, D. Le sentiment de continuité d'existence. **Journal de la psychanalyse de l'enfant**, v. 6, n. 1, p. 115–130, 2016.

HUA, L. L. *et al.* Suicide and Suicide risk in adolescents. **Pediatrics**, v. 153, n. 1, 2024.

KIEKENS, W. J. *et al.* Associations of relationship experiences, dating violence, sexual harassment, and assault with alcohol use among sexual and gender minority adolescents. **Journal of interpersonal violence**, v. 37, n. 17–18, p. NP15176–NP15204, 2022.

LAFORTE, S. *et al.* Romantic attachment and cyber dating violence in adolescence: A dyadic approach. **Journal of adolescence**, v. 95, n. 4, p. 647–660, 2023.

LESSINGER BORGES, J.; ASSUMPÇÃO HEINE, J.; DELL'AGLIO, D. D. Variáveis pessoais e contextuais preditoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 438–469, 2020.

LU, Y. *et al.* Childhood physical abuse and physical dating violence in young adulthood: The mediating role of adverse mental health. **Journal of clinical psychology**, v. 75, n. 10, p. 1916–1929, 2019.

LUFT, H. S. *et al.* Prevalence of adverse childhood experiences (ACEs) and association with dating violence and symptoms of mental illness among adolescents in the Dominican Republic. **Child abuse & neglect**, v. 129, n. 105668, p. 105668, 2022.

MARTIN-STOREY, A.; POLLITT, A. M.; BAAMS, L. Profiles and predictors of dating violence among sexual and gender minority adolescents. **The Journal of adolescent health: official publication of the Society for Adolescent Medicine**, v. 68, n. 6, p. 1155–1161, 2021.

MORAES, B. R. DE; WEINMANN, A. D. O. Notas sobre a história da adolescência. **Estilos da Clínica**, v. 25, n. 2, p. 280–296, 2020.



MURTA, S. G. *et al.* Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. **Contextos Clínicos**, v. 7, n. 2, 2014.

MURTA, S. G. *et al.* Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. **Psico-USF**, v. 21, n. 2, p. 381–393, 2016.

OYARZÚN, J.; PEREDA, N.; GUILERA, G. The prevalence and severity of teen dating violence victimization in community and at-risk adolescents in Spain. **New directions for child and adolescent development**, v. 2021, n. 178, p. 39–58, 2021.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Unico de Saúde do Brasil**, v. 24, n. 2, p. 335–342, 2015.

PSYCHOGIOU, L. *et al.* Adolescents' internalizing symptoms predict dating violence victimization and perpetration 2 years later. **Development and psychopathology**, v. 35, n. 4, p. 1573–1583, 2023.

REED, L. A. *et al.* The association between stereotypical gender and dating beliefs and digital dating abuse perpetration in adolescent dating relationships. **Journal of interpersonal violence**, v. 36, n. 9–10, p. NP5561–NP5585, 2021.

REIS, A. C. S. *et al.* IMPACTOS DA ERA DIGITAL NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SOBRE TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS E O USO DE MÍDIAS DIGITAIS. **Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 16, n. 3, p. 4, 2024.

REY ANACONA, C. A.; MARTÍNEZ GÓMEZ, J. A. Variables associated with dating violence victimization in Colombian adolescents. **Pensamiento Psicológico**, v. 19, p. 1–12, 2021.

REY ANACONA, C. A.; MARTÍNEZ GÓMEZ, J. A. Differences between sexes in psychopathological variables among adolescent victims of dating violence. **psicología desde el caribe**, v. 38, n. 02, p. 282–299, 2023.

RISK, E. N.; SANTOS, M. A. DOS. Clínica Ampliada, Cuidado à Infância e à Família no Contexto da Rede de Atenção Psicossocial: Contribuições de Winnicott. **Revista Subjetividades**, v. 22, n. 3, p. e13443, 2023.

RIVAS-KOEHL, M. *et al.* Examining bullying perpetration as a predictor of later teen dating violence perpetration: Do gender-based biases affect this pathway? **Psychology of violence**, v. 13, n. 2, p. 136–148, 2023.

ROBINSON, L. E. *et al.* Protective factors for multiple forms of interpersonal violence experienced by adolescent Latinas. **o psychology [Journal of Latina]**, v. 12, n. 3, p. 211–227, 2024.



- SABINA, C.; MARSICAL, E. S.; CUEVAS, C. A. Psychological functioning among Latino victims of teen dating violence: The role of relational and collective resources. **Journal of interpersonal violence**, v. 37, n. 21–22, p. NP19781–NP19810, 2022.
- SAINI, N. *et al.* The relationship between adolescent dating violence and risky health behavioral outcomes. **Healthcare (Basel, Switzerland)**, v. 12, n. 15, p. 1464, 2024.
- SHOREY, S.; NG, E. D.; WONG, C. H. J. Global prevalence of depression and elevated depressive symptoms among adolescents: A systematic review and meta-analysis. **The British journal of clinical psychology**, v. 61, n. 2, p. 287–305, 2022.
- SILVA, D. B. B. *et al.* Estratégias para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes no contexto escolar: uma revisão sistemática. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 17, n. 5, p. e6625, 2024.
- SILVA, K. C. *et al.* Dating and dating violence: Social Representations of school adolescents. **Psico-USF**, v. 26, n. 4, p. 659–672, 2021.
- SMITH, K. *et al.* The mediating role of internalizing problems between peer victimization and dating violence victimization: A test of the stress generation hypothesis. **Journal of interpersonal violence**, v. 37, n. 13–14, p. NP11271–NP11295, 2022.
- STONARD, K. E. *et al.* “they’ll always find a way to get to you”: Technology use in adolescent romantic relationships and its role in dating violence and abuse. **Journal of interpersonal violence**, v. 32, n. 14, p. 2083–2117, 2017.
- TAVARES, C. *et al.* Saúde Mental na Escola: Reflexão Teórico-Prática. **Rev Pró-UniverSUS**, v. 14, n. 3, p. 14–18, 2023.
- VANWOERDEN, S. *et al.* Dating violence victimization and borderline personality pathology: Temporal associations from late adolescence to early adulthood. **Personality disorders**, v. 10, n. 2, p. 132–142, 2019.
- ZAMBERLAN, M. A. T.; FREITAS, M. G. DE; FUKAMORI, L. Relações pais e filhos adolescentes e estratégias de prevenção a riscos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 9, n. 17, p. 35–49, 1999.